

Banco Mundial prevê recessão para 2002

Bloomberg News
de Londres

O crescimento econômico mundial diminuirá para níveis próximos ao de uma recessão em 2002. Os atentados terroristas de 11 de setembro aos Estados Unidos afetam o comércio mundial, o turismo, os preços das commodities e o apetite dos investidores pelo risco, informou o Banco Mundial.

Em sua primeira previsão oficial depois dos atentados, o Banco Mundial informou que os danos incluem o preço humano a ser pago pelos países mais pobres, ou seja, a morte de cerca de 40 mil crianças por desnutrição e outras doenças, além de aprofundar a pobreza a mais 2 milhões de africanos.

Este é o preço pago aos ataques aos Estados Unidos", afirmou o presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, em um comunicado. Mas há mais vidas humanas em risco. Essa perde não é vista, mas acontece em todas as regiões do mundo em desenvolvimento, principalmente na África."

Para evitar estes problemas, o banco sinalizou que está disposto a fornecer mais dinheiro para os países mais pobres. O Banco Mundial informou ainda que está pronto para oferecer ajuda para minimizar e mitigar os impactos adversos" dos atentados.

As nações mais ricas podem crescer cerca de 1,25% em 2002, abaixo dos 2,2% previstos antes dos atentados e perto do mesmo nível de expansão registrado neste ano, informou o banco.

A desaceleração econômica obrigará 10 milhões de pessoas a viver

com US\$ 1 por dia ou menos. Outra consequência será o corte na média de crescimento nos países em desenvolvimento em 0,6%, para cerca de 3,7% em 2002.

Os dados do Banco Mundial baseiam-se no pressuposto de que os negócios voltarão ao normal em meados de 2002. Em consequência de novas incertezas, as autoridades monetárias precisam tomar atitudes mais firmes para restaurar a saúde da economia mundial, segundo o maior fornecedor mundial de empréstimos para os países em desenvolvimento.

A resposta política tem de ser suave e de alguma forma unificar países ricos e pobres, em função do maior nível de risco para a economia global", afirmou o principal economista do Banco Mundial, Nick Stern, em um comunicado.

O pedido de Stern por uma ação rápida é oposta à posição de Kenneth Rogoff, economista do Fundo Monetário Internacional, favorável a uma ação moderada.

Para o principal economista do Banco Mundial, Nick Stern, os governos dos países mais ricos, nesse momento de crise, deveriam gastar mais em ajuda externa, coordenar políticas de taxas de juros e baixar as barreiras comerciais.

Agora, mais do que nunca, a cúpula da Organização Mundial do Comércio precisa acontecer e a rodada de negociações deve ser desenvolvida, motivada em primeiro lugar pelo desejo de usar o comércio como ferramenta para reduzir a pobreza e alavancar o desenvolvimento", afirma o relatório do Banco Mundial.